**Eleições brasileiras: o pai e o poder da nova classe média**

Os brasileiros não se conformam com os resultados das votações na internet de melhor jogador de todos os tempos que colocam Maradona à frente de Pelé. Se esquecendo que esses pleitos são decididos pela experiencia prática de cada um: a geração mais nova não viu Pelé jogar mas viu os belos gols do carismático craque argentino. A mesma lógica vale para as eleições presidenciais brasileiras com a vitória parcial de Dilma Roussef, resultado incomprendido pela elite tupiniquim que não experimentou os frutos da expansão brasileira dos últimos oito anos.  A redução de desigualdade de renda brasileira do período de 2003 a 2009 quando a renda per capita dos 10% mais ricos aumentou em 1,5% ao ano, enquanto a renda dos 10% mais pobres cresceu a uma notável taxa de 6.8% por ano. O número de pobres caiu neste período 20,5 milhões. Vale lembrar a continuidade desse movimento no Brasil durante a crise e que os 12 últimos meses apresentam aceleração desta tendência mesmo em relação ao período de ouro, embora ganhando impulso devido à proximidade das eleições (vide [www.fgv.br/cps/ncm](http://www.fgv.br/cps/ncm)). Mais do que o “É a economia ,estúpido!” da eleição dos EUA em 1992, talvez o mais adequado para representar o caso brasileiro de 2010 seja: “É o social, companheiro!”

Olhando mais para cima na distribuição de renda, 29 milhões de pessoas, quase ¾ da população argentina foi incorporada a nova classe média (Classe C) entre 2003 e 2009, pessoas que antes eram consideradas pobres. Os 95 milhões em ação agora na nova classe média correspondem a 50,5% da população brasileira incluindo não só o eleitor mediano que decide eleições, mas que poderia sozinha decidir um pleito eleitoral. Corações,  mentes e sonhos deste grupo emergente de um país emergente como o Brasil, é a fronteria a ser conquistada pelos políticos.

Getúlio Vargas que dominou a política brasileira por quase 25 anos após a revolução de 1930 seria o correspondente do Peron tupiniquim. A popularidade de Lula é tal com uma aprovação de quase 80% da população, que Lula não deve ser considerado um novo Getúlio mas Getúlio será visto como o velho Lula.

Getúlio era o pai dos pobres já Lula não é o pai dos pobres, nem mesmo pai desta nova classe média emergente mas ele é a nova classe média. Pois ele melhor do que ninguém encarna a possibilidade de ascensão social de cada brasileiro. Ao contrário do argentino, o brasileiro é um povo cujas elites governantes não deram a devida importancia a educação. Quando a elite brasileira vê Lula falar, critica o seu portugues incorreto, já o povo pensa: ele fala que nem eu. Se ele pode: "sim,  nós também podemos!".

Agora a popularidade de Lula não foi suficiente para eleger Dilma Roussef no primeiro turno da eleição pois mesmo Lula nem tudo pode. O povo brasileiro não quer um pai para si, ou para a sua respectiva sucessora. O brasileiro não quer uma nova ou um novo presidente que diga: "o sonho brasileiro acabou". Mas um(a)  líder que ajude no seu pode mais, ou pelo menos que não atrapalhe na grande transformação de seus sonhos em realidade. Este é o norte da agenda dos debates para o segundo turno das eleições brasileiras.

Marcelo Neri – mcneri@fgv.br -  Centro de Políticas Sociais e EPGE da Fundação Getulio Vargas